

UMA ATIVIDADE “SEXO” QUE FAZ RELFLETIR⁹

Francine Bujold¹⁰
Jacques Dionne
Claire Lapointe

RESUMO: Neste artigo, descrevem-se características comportamentais de uma amostra de adolescentes internadas em instituições, apresentando brevemente o problema em questão para depois dar os conceitos que estão na base da reorganização das atividades a elas propostas. Na seqüência, explica-se como funciona a atividade “Sexo”, cujos objetivos são o de informar as adolescentes, fazê-las falar sobre sua sexualidade, e refletir, levantando a questão da prolongação da intervenção da atividade de educação sexual, discutindo sobre o grupo de ajuda por ocasião dos abusos sexuais vividos na primavera de 1994.

Palavras chave: atividade de informação / formação; adolescentes; sexo

ONE ACTIVITY TO REFLECT ABOUT SEX

ABSTRACT: In this paper, it is intended to describe the characteristics of an adolescents sample living in institutions, their problems, and the concepts behind the program proposed, based on a reorganization of activities. In a second phase it is explained the way the information about sex begin to be transmitted, the orientation to talk about this subject, specially the experiences the adolescents had and the opportunity to reflect; the activity about sexual education included to form a group to help the adolescents that had been abused.

Key Words: information/formation activity; adolescents; sex

No início dos anos 80, os distúrbios de comportamento e mais particularmente, o não respeito pela autoridade, constituem a razão oficial mais freqüentemente invocada para justificar a internação de uma adolescente em um centro de acolhimento como a *Villa Notre-Dame-de-Grâce*. Raramente, os abusos sexuais e os diferentes comportamentos de risco no plano da sexualidade eram mencionados abertamente. Nesta época, a sexualidade era um assunto tabu no centro de acolhimento, pelo menos, neste centro de acolhimento. Nós que intervínhamos com estes adolescentes, fazíamos-nos questões do tipo: Devemos abordar ou não este assunto com as meninas? Discutir esta dimensão em grupo, não seria arriscar a fazer com que surgissem mais problemas, em razão das experiências pessoais das vítimas de abuso sexual? Então, decidimos que seria importante abrir e compartilhar com as meninas o assunto da sexualidade. Inicia-

mos uma atividade de educação sexual. Esta atividade teve certa utilidade para dar a informação às adolescentes a respeito da sexualidade. Porém, após certo tempo, nós nos conscientizamos que esta atividade não nos permitia abordar questões fundamentais relacionadas à experiência vivida pelas adolescentes. Por exemplo, que motivos as levaram a viver sua sexualidade de uma maneira tão precoce? Como prepará-las melhor para que não fossem novamente abusadas após o período de internação? Este questionamento, combinado com uma melhor precisão da abordagem clínica de nossa unidade, levou-nos a reestruturar a atividade de educação sexual.

As Características das Adolescentes

O conjunto das características das adolescentes internadas em *Villa Notre-Dame-de-Grâce* foi descrito detalhadamente por Guérard (1990), e aqui cabe recordar algumas das características de nossa clientela, que, na literatura, são vistas como relacionados aos abusos sexuais:

⁹ Artigo recebido para publicação em abril de 2000 e aceito em março de 2001

¹⁰ Endereço para correspondência. Organização Comunitária – email rues@uoi.com.br

- baixa auto-estima;
- sentimento de culpa;
- dificuldade em ter confiança nos adultos;
- pseudo-maturidade;
- falta de posse de seu corpo (automutilação ou sexualização exagerada).

Dentre as características mais pertinentes que devem ser consideradas para se planejar uma atividade que vá falar de Sexo, é importante mencionar a maneira como estas adolescentes se relacionam. O que se observa é que tanto com pessoas do seu sexo como do sexo oposto, estas adolescentes se encontram, freqüentemente, em relações de dominante-dominado. E, de acordo com o contexto, elas podem ser ora a pessoa que domina ora a que é dominada. Entretanto, em suas relações com os homens, elas se encontram, a maior parte do tempo, em uma posição de submissão. Neste contexto, elas estão sempre em busca de amor e de afeto e, é através do sexo que elas procuram alcançá-los. A relação sexual é para elas um meio de fazer uma troca. Muitas vezes escutamos as afirmações:

“ele me disse que se eu não me deitasse com ele, ele iria embora”

“eu não tinha escolha, senão ele me deixaria”

“ele me disse que se eu o amasse, eu deveria mostrar-lhe...”;

“ele me fez mal, mas eu o amo... no fundo, ele não é mau, fui eu quem o provocou”.

Questionamento

Contrariamente ao que mencionamos acima, em relação ao início dos anos 80, quanto ao caráter tabu da sexualidade e ao fenômeno dos abusos sexuais, observamos que de alguns anos para cá existe maior abertura para o reconhecimento da existência dos abusos sexuais, cujas vítimas são, na maioria das vezes, adolescentes internadas em centros de juventude. Assim, os encaminhamentos para a Proteção da Juventude a partir de denúncias de abusos sexuais que comprometem o desenvolvimento, vêm aumentando. Reconhece-se mais abertamente (e oficialmente), que a maioria das adolescentes internadas em centros de juventude foram, majoritariamente, vítimas de abusos sexuais. Em 1994, na unidade *Escala*, 11 em cada 12

meninas tinham sido vítimas de abuso.

Entretanto, nossas observações, bem como as verbalizações das adolescentes quanto às suas relações com os homens, levaram-nos a concluir que mesmo durante a sua internação no Centro de Juventude, elas continuavam sendo prisioneiras de abusadores, ou ainda, que elas corriam um alto risco de o serem novamente. Isto nos levou a questionar sobre o que poderia ser feito para ajudá-las a sair desta situação, mesmo porque a equipe se via freqüentemente em uma situação pouco confortável: Se, durante o acompanhamento de uma adolescente, nós denunciávamos a situação, a adolescente tinha a impressão de que estávamos contra seu “namorado”, o que provocava sua reação de defesa, fazendo com que ela se aliasse mais fortemente ao abusador e se colocasse contra a malvada da educadora que queria separá-los, puni-la e privá-la da única fonte de amor que lhe restava. Por outro lado, se não dizíamos nada, ficava a impressão de sermos cúmplices do abusador.

Quando a atividade de educação sexual foi implantada, esperávamos que ela nos ajudasse a melhor intervir neste nível, com um programa que possui, segundo nossa avaliação, bons objetivos:

- levar os jovens a falar sobre sexualidade;
- melhorar suas habilidades de comunicação, favorecendo as trocas entre os pares e os educadores;
- incitar as adolescentes a adotarem um comportamento sexual mais responsável face a elas mesmas e aos outros.

Depois de certo tempo, passamos a observar que tanto na atividade de educação sexual, como na vida cotidiana da unidade, as adolescentes falavam mais abertamente sobre assuntos ligados à sexualidade (contracepção, gravidez, “paquera”...). Mas, apesar das trocas e da comunicação à respeito do assunto da sexualidade, verificava-se que as situações de abuso continuavam; que a maioria das meninas da unidade pareciam atraídas por situações nas quais havia risco de se tornarem vítimas; que várias utilizavam sua experiência de vítima como desculpa para não serem responsáveis por si mesmas; e que elas pareciam se comprazer com o sentimento de impotência.

De certa maneira, a constatação foi de que as meninas falavam e trocavam mais, entretanto, elas

não mudavam suas atitudes e nem seus comportamentos. Tinha-se a impressão de que a atividade de educação sexual permitia atingir os dois primeiros objetivos, mas que ela parecia não ter influência quanto à mudança de comportamento e de atitude.

Entretanto, este objetivo era de fundamental importância para nós porque estas adolescentes seriam futuras mães e sabíamos que elas corriam um grande risco de perpetuarem os problemas de desadaptação social com seus próprios filhos, tornando-se, elas mesmas, mães violentas, abusadoras ou negligentes.

O questionamento sobre o que poderia ser feito para alterar esta situação e sobre a atividade de educação sexual, implicou em o conjunto da equipe da nossa unidade se perguntar como melhorar as modalidades de intervenção, surgindo a idéia de se utilizar o modelo de intervenção cognitivo-desenvolvimental, o que levou à implantação de um projeto de experimentação desta abordagem em nossa unidade (descrito de maneira detalhada por Bujold; Dionne; Fagnan & Rousseau, 1993)¹¹.

Para Selman (1993), que é um dos autores de base desta abordagem, existem três dimensões essenciais que devemos compreender e sobre quais devemos agir se quisermos que as mudanças aconteçam no plano dos comportamentos de risco de um indivíduo. A primeira dimensão concerne ao conhecimento e à compreensão: É preciso entender como o indivíduo compreende a situação e o contexto no qual se produz seu comportamento de risco. A segunda dimensão diz respeito ao sentido ou significação assume este comportamento a seus olhos. E a terceira se refere às capacidades do indivíduo em gerir sua conduta. De acordo com Selman, certas abordagens só se preocupam em fornecer informações. É o caso das chamadas abordagens tradicionais de educação sexual, que se limitam a agir sobre o plano dos conhecimentos dos indivíduos, transmitido-lhes informações sem se preocuparem com o seu entendimento sobre o que está sendo falado. Além disto, estas abordagens não consideram, absolutamente, o sentido que estes comportamentos de risco podem ter para os indivíduos, e nenhum meio concreto é implantado para ajudá-los a desenvolver as habili-

dades necessárias para enfrentar, de maneira adequada, este tipo de situação. Estas premissas de Selman serviram de base que repensássemos a atividade de educação sexual.

A nova Atividade "Sexo"

A atividade foi redefinida de tal modo a agir nos planos do conhecimento e compreensão das adolescentes, no da significação das condutas de risco e no da gestão dos comportamentos. Os objetivos visados eram que as adolescentes se informassem, refletissem e compartilhassem com seus pares e os educadores sobre as implicações biológicas, emocionais, interpessoais e morais dos comportamentos sexuais de risco.

A organização e a animação da atividade foram modificadas. No plano dos conteúdos, as adolescentes escolhiam os temas que as preocupavam e aqueles de que gostariam de falar (exemplo: gravidez antes dos 18 anos, orientação sexual, abuso, imagem de si, pornografia, doenças sexualmente transmissíveis, etc). Estes assuntos eram tratados em uma seqüência de quatro atividades:

- 1- Na primeira atividade, era dada a informação de base necessária, relativa ao tema e corrigíamos o que de errado as adolescentes pudessem saber (Exemplo: perde-se, aproximadamente, 4 litros de sangue a cada menstruação).
- 2- Na segunda atividade, deixávamos as meninas reagirem livremente face ao tema, sempre verificando sua compreensão sobre as informações fornecidas durante a primeira atividade. Recolhíamos, assim, as diversas significações que elas apresentavam acerca de alguns comportamentos de risco.
- 3- Na terceira atividade, havia a discussão de um dilema hipotético de negociações interpessoais relacionado ao tema. O dilema era criado pelos educadores a partir de preocupações colocadas pelas adolescentes durante a segunda atividade.

Exemplo de dilema de negociação interpessoal.

'Luc e Louise saem juntos há um mês. De comum acordo eles tinham decidido esperar um pouco de tempo antes de "dormirem juntos". Após um mês, eles chegaram à conclusão de que eles se dão bem e

¹¹Este projeto significou um aperfeiçoamento de toda a equipe e só foi possível graças às subvenções dadas pela Fundação Villa Notre Dame de Grace.

Louise acha que a relação deles deve evoluir. Ela convida Luc para ir à casa dela numa tarde na qual seus pais estão ausentes. Após carícias, Louise declara seu amor para Luc, que também retribui. Louise está feliz e aceita ter relações sexuais com Luc. Louise tem camisinhas, pois ela está convencida de que ela deve se proteger contra as doenças sexualmente transmissíveis e sobretudo contra a AIDS. Quando Louise propõe a Luc a camisinha, Luc responde de maneira carinhosa, porém decisiva: - Oh! Meu amor, nada de camisinha para mim, obrigado!

Louise tem um problema? Qual é este problema? Por que é um problema?

4- Na quarta atividade, era discutido, em grupo, sobre o dilema moral hipotético relacionado ao tema. Tratava-se, na maior parte do tempo, de um dilema moral criado após a segunda e terceira atividades, a partir de preocupações expressadas pelas adolescentes.

Seguindo o dilema da terceira atividade, Louise está feliz e aceita ter relações sexuais com Luc, mesmo se Luc não quer usar a camisinha. O telefone toca neste momento. É o médico que telefonará para dizer à Louise o resultado dos seus últimos testes de doenças sexualmente transmissíveis. Ele diz que ela tem clamídia. De volta para seu quarto, Louise se pergunta o que ela deve fazer. Será que ela deveria dizer a Luc que está com clamídia e acabar com seu dilema ou ela deveria guardar seu segredo e ter relações sexuais com Luc? Por quê?

No plano da animação das discussões de dilemas morais e interpessoais, o modelo cognitivo-desenvolvimental ajuda a precisar a intervenção, utilizando algumas questões que permitem provocar, antes de mais nada, um desequilíbrio cognitivo nas adolescentes e ajudá-las a desenvolverem seu pensamento crítico. Os estudos feitos até hoje sobre a discussão de dilemas morais hipotéticos e de dilemas de conflitos interpessoais mostram que este tipo de discussão com um grupo de pares estimula o desenvolvimento cognitivo dos assuntos e até ajuda a melhorar o comportamento (Arbutnot, 1992).

Esta animação da atividade "Sexo", completada pelo trabalho feito no conjunto da unidade, utilizando o modelo cognitivo-desenvolvimental, le-

vou-nos a propor às adolescentes a participação em um grupo de trocas e de ajuda-mútua entre meninas vítimas de abusos sexuais.

Grupo de ajuda-mútua

Em 1994, nós tínhamos um grupo estável desde o outono cuja característica comum era o abuso sexual (11 em cada 12 adolescentes). A necessidade de abordar este tema saltava aos olhos, mas as apreensões eram grandes: Como falar de um tema desta amplitude, que atinge profundamente o emocional, com estas adolescentes vítimas de abuso sexual e que já se encontravam num tipo de relação "dominante-dominado"?

Várias leituras e pesquisas nos permitiram preparar uma estrutura para esta atividade e animá-la¹².

Para se assegurar o bom desenrolar da atividade, na primeira sessão foram determinadas algumas balizas:

- duas animadoras principais para um grupo constituído por, no máximo, 12 adolescentes;
- uma terceira educadora que deveria permanecer no escritório para "recuperar" as meninas que tivessem necessidades durante a animação da atividade;
- a atividade deveria acontecer no salão da unidade, às quartas-feiras das 19:30 às 21:00 horas;
- a unidade permaneceria fechada (porta trancada, secretária eletrônica ligada, etc.);
- a atividade teria a duração de 8 semanas;
- o grupo seria fechado, isto é, nenhuma participante poderia ser acrescentada no decorrer das 8 semanas;
- a atividade "Sexo" passaria a ser obrigatória para todas. Por outro lado, ninguém seria obrigado a falar e poderia se retirar no decorrer da atividade, caso ela se tornasse intolerável emocionalmente (para seu quarto ou com a terceira educadora);
- as animadoras assegurariam a confidencialidade. Por outro lado, elas se reservariam a possibilidade de buscar ajuda e suporte junto à equipe.

A segunda sessão serviu para finalizar as regras. O grupo endossou as balizas propostas pelas animadoras e as adolescentes acrescentaram que o

¹² O suporte e o apoio dos outros membros da equipe constituíram-se em uma ajuda preciosa.

respeito deveria ser primordial. Para isto, elas enumeraram as seguintes regras:

- “não se corta a palavra daquele que está falando”;
- “não se faz observações”;
- “não se faz expressões, gestos”;
- “respeitam-se as emoções que estão sendo vividas”;
- “não se julga, tenta-se compreender”;
- “não se usa do que foi falado na atividade para machucar ou importunar a menina”;
- “não se fica obrigado a dar detalhes quando se fala, nem a responder a todas as questões feitas”;
- “deve-se guardar o anonimato do abusador, sobretudo se este tem chances de visitar a unidade”.

As animadoras especificaram que elas se comprometiam a respeitar a confidencialidade mesmo com a equipe, a menos que elas soubessem que a menina estava atualmente em perigo do abuso. Neste caso, seria impossível guardar o segredo, o que foi admitido pelo grupo:

Após as oito semanas, eram recolhidos os comentários das meninas para fazer uma avaliação da:

- pertinência deste grupo de ajuda-mútua;
- animação das educadoras;
- organização dos temas a serem discutidos;
- organização (tempo-espaço-duração, etc.).¹³

Os resultados obtidos realmente convenceram da necessidade da continuação deste tipo de atividade. De acordo com os objetivos iniciais, observamos que cada jovem evoluiu com o grupo de ajuda-mútua, porém em níveis diferentes e dependendo do grau de implicação que manifestaram. O clima do grupo mostrou-se favorável à discussão, sendo respeitadas as balizas, exceto em um momento em que as meninas pediram uma análise em grupo, não se sentindo sempre “respeitadas” nos seus procedimentos.

A partir da terceira sessão, verificou-se que seria melhor começar antes a atividade, pois o horário determinado estava próximo da hora de dormir.

¹³ Cada uma das participantes quis responder a um questionário confidencial

Algumas meninas manifestaram a necessidade de “descontração” e outras uma necessidade de troca. Por três vezes, pudemos constatar um movimento mais generalizado do grupo na sequência da atividade. A primeira, em decorrência do tema “o segredo”, as adolescentes se dividiram em grupos menores para chorar e se consolar mutuamente. A Segunda vez, em decorrência do tema “intimidade na relação”, constatamos um movimento em massa em direção aos chuveiros. A terceira ocasião aconteceu quando abordamos o tema “auto-estima”; neste momento, várias adolescentes se reagruparam e se maquiaram de maneira exagerada e sexualizada não nos deixando nenhuma dúvida sobre a imagem que elas tinham de si próprias.

Também pudemos constatar que cada uma destas três atividades, nas quais a intensidade das emoções era muito forte, foi seguida por uma atividade em que houve um movimento de resistência da parte dos sujeitos. Isto se traduzia por menor implicação nas discussões, por silêncio das meninas, normalmente mais falante, por superficialidade das intervenções e falta de seriedade durante as discussões.

Das doze meninas que formavam o grupo no início, duas não falaram em grupo (uma nunca tinha vivido um abuso sexual, a outra confessou os abusos em encontro individual); duas outras abandonaram o grupo, pois elas não podiam suportar o peso emocional que as discussões suscitavam; oito adolescentes se liberaram de pesados segredos até então desconhecidos dos educadores.

As revelações suscitaram muitas reações no vivido cotidiano do grupo: agressividade, oposição, hostilidade, agir sexual, droga, assim como o aumento da atração pelas “gangs”, fragilidade de certos elementos de grupo. Isto repercutiu no trabalho das educadoras, exigindo muitos encontros individuais, apoio emotivo suplementar a algumas adolescentes, acompanhamento junto aos pais e policiais para as revelações, presença intensiva e continua junto ao grupo. Resumindo, ‘tínhamos a impressão continua de estarmos em um estado de urgência e de transbordamento’. Por outro lado, a escolha de ter uma terceira educadora de reserva, mostrou-se providencial e permitiu às animadoras se concentrarem na animação do grupo, livrando-se de outras preocupações.

À guisa de conclusão, é importante ressaltar que após a modificação na organização e a ani-

mação da atividade "Sexo", na pré-experimentação com o grupo de ajuda-mútua sobre o abuso sexual, e a especificação de nossas intervenções quotidianas para levar as adolescentes da unidade a assumirem democraticamente uma parte mais importante de poderes e responsabilidades na vida da unidade, ficou a impressão de que houve progresso quanto ao questionamento do qual falamos anteriormente. Graças às diversas modalidades de intervenção, as adolescentes não somente ficaram melhor informadas quanto aos riscos de suas condutas sexuais, como foram colocadas em situações nas quais devem refletir e confrontar seus pontos de vista com o de seus pares; também tiveram a oportunidade de ajudar umas às outras quanto às suas experiências de vítimas de abuso sexual; a observação mostrou que elas diminuíram sua complacência à posição de vítima; apoiando-se mutuamente, elas se tornam um pouco mais capazes de se afirmarem em face às outras e também de se confrontarem. Quanto às mudanças reais e significativas no plano de suas atitudes e suas condutas, é cedo ainda para uma resposta. Precisa-se, depois de algum tempo, proceder a uma medida rigorosa das mudanças produzidas nas adolescentes que participam de programas de intervenção como o nosso. Começaremos avaliando o nível de desenvolvimento das adolescentes da nossa unidade no início e no final de sua estadia e esperamos que daqui a alguns anos, em havendo continuidade desse projeto de pesquisa-ação, ter dados que poderão ajudar a melhor responder a algumas de nossas questões.

Atualmente, com todas as mudanças provocadas pela reforma dos serviços sociais, que tiveram impacto direto sobre a estabilidade da equipe do CR, fica o desejo de poder continuar buscando melhorar a qualidade de nossas intervenções face às adolescentes que correm o risco de perpetuarem a desadaptação com seus próprios filhos, mas que têm, ao mesmo tempo, muito potencial para sair desta situação, se conseguirmos ajudá-las de maneira mais adequada, criando um clima suficientemente seguro que lhes permita refletir. Desejamos também que este relato possa ser útil a outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arbuthnot, J. (1992). Sociomoral reasoning in behavior-disordered adolescents: cognitive and

behavioral change. In: J. McCord & R.E. Tremblay (Eds). *Preventing antisocial behavior: Interventions from birth through adolescence*, (pp.283-310). New York: The Guilford Press.

Bujold, F. et al. (1993). L'intervention développementale-cognitive pour stimuler le jugement moral et la compétence sociale des adolescentes de l'Escale à la Villa Notre-Dame-de-Grâce. In: L. Bertrand (éd.) *Les cahiers du colloque scientifique que "Place à l'intervenant"*, Montreal: La fondation La Cité des Prairies.

Guérard, Y. (1993). *Portrait de la clientèle et nos ressources*. Montreal: Les Centres de Jeunesse de Montréal, Villa Notre-Dame-de-Grâce.

Selman, R.L. (1993). To understand and to help. In: L. Bertrand (éd.) *Les cahiers du colloque scientifique "Place à l'intervenant"*, Montreal: La fondation La Cité des Prairies.

Nota:

Artigo traducido do francês (e com adaptações) "Une activité 'sexo' qui fait réfléchir" por Ruth Stevão, com o aval do Centre Jeunesse de Montreal- originalmente publicado pela revista Defi Jeunesse.